



## “CONSTELAÇÕES DE GENTE” – CONTRIBUIÇÕES DA TEMÁTICA INDÍGENA PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Nima Spigolon<sup>1</sup>  
Mariana De Castro Lourenço<sup>2</sup>  
Lilian Cristine Ribeiro Nascimento<sup>3</sup>

### Introdução

*Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. (KRENAK, 2019, p.27)*

Ailton (Alves Lacerda) Krenak, da etnia indígena crenaque<sup>4</sup> – escreve do tempo que vivemos, no qual atesta-se uma cosmovisão desencantada, que dispensa a alegria, despreza os sentidos, o movimento, desconsidera o contato fusional com a natureza e, por isso, reforça uma cultura extrativista descomprometida com a integralidade da existência humana no mundo. Concomitante, escreve da resistência que, segundo o autor, é o que religa o humano ao mundo, ampliando os sentidos na existência. Por isso, dançar, cantar, comungar com a natureza são compreendidas formas de “adiar o fim do mundo” e não desistir dos nossos próprios sonhos. (KRENAK, 2019).

Ao escrevermos esse relato, por um lado, nos dedicamos a sistematizar experiências<sup>5</sup> vinculadas ao Programa de Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no escopo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e circunscrito ao subprojeto Pedagogia/Filosofia; e por outro, nos identificamos com a epígrafe, pois na condição de professores – em formação inicial e continuada, nos sentimos “constelações de gente” quando não desistimos de sonhar e nos

<sup>1</sup> Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – SP, [nima@unicamp.br](mailto:nima@unicamp.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – SP, [m241249@dac.unicamp.br](mailto:m241249@dac.unicamp.br)

<sup>3</sup> Professora orientadora: Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – SP, [lilianrn@unicamp.br](mailto:lilianrn@unicamp.br)

<sup>4</sup> Considerados os últimos Botocudos do Leste, região do Vale do Rio Doce, no Estado de Minas Gerais, em risco de extinção, antes foram chamados de Aimoré ou Borun.

<sup>5</sup> Nos apropriamos das concepções de Oscar Jara Holiday (2006), pois no campo da educação “as experiências são processos vitais e únicos: expressam uma riqueza acumulada de elementos. São inéditos e irrepetíveis.”



comprometemos com o desenvolvimento de atividades teórico-práticas inseridas no respectivo subprojeto e orientadas pela temática indígena.

Sugerimos uma imersão pouco habitual em escritas que demandam qualidades de atenção imbricadas na dimensão intelectual e na dimensão didática, simultaneamente. Isso porque há nesse relato tentativas de desplanificar o humano, a escola e suas relações com o mundo; empenhos teóricos e reflexivos sensíveis que apresentam experiências em sala de aula da dimensão corporal e cultural.

Tais experiências acontecem em diferentes âmbitos: da prática pedagógica na educação básica, e no ensino superior, nas teorias relacionadas às reflexões críticas e político-pedagógicas, criando ambas as condições a estar no mundo, na natureza - e na educação - multidimensionalmente, sendo corpo e edificando epistemologias<sup>6</sup> e saberes que não prescindem do mesmo, mas que, contudo, interagem e se comunicam.

Assim, dá ênfase aos percursos formativos e entrelaçados de um grupo, o qual nutrindo-se reciprocamente e se constituindo, totaliza 03 professores coordenadores, 03 preceptores e 15 bolsistas, inseridos nas modalidades de ensino: educação de surdos e educação de jovens e adultos, que compõe o subprojeto Pedagogia/Filosofia e efetivam-se em duas escolas públicas.

O recorte para esse relato se dá nos limites e nas possibilidades das experiências de atuação na EMEF Júlio de Mesquita Filho<sup>7</sup>, uma das escolas do subprojeto que é polo de educação bilíngue atendendo a alunos surdos e ouvintes. Nos anos iniciais os alunos estudam em salas com docência compartilhada, o que significa a presença de dois professores: um denominado regente e outro bilíngue, sendo esse fluente em língua de sinais.

A ideia inicial do projeto visava trabalhar com uma coleção de livros da editora Mostarda, distribuída para todas as escolas da Rede Municipal de Campinas, composta por 6 livros contando a vida de algumas personalidades importante para o movimento negro brasileiro. Entretanto, após às primeiras idas à escola foi notório a necessidade de se pensar em um projeto para além desse material. A partir disso, instaurou-se o movimento de pensar o que é o Brasil hoje e qual a sua história partindo de uma perspectiva decolonial. Assim, enquanto no primeiro semestre, pensou-se nas contribuições de algumas culturas africanas e

<sup>6</sup> ... que esbocem vias diferentes para a realização de projetos de emancipação humana para a formação de conhecimento constitutivamente plural, pautados em pensamentos críticos e decoloniais que afetem diretamente a formação identitária dos povos não europeus. Citamos Noguera (2012, p. 62) que considera que “o acesso às instituições de ensino é um direito social de todas as pessoas e, ao mesmo tempo, o respeito às diferenças exige a diversidade de narrativas, de lógicas e epistemologias no currículo”.

<sup>7</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada à Rua Francisco Antônio da Silva, 155 – Jardim São Vicente - Campinas / SP

afro-brasileiras, o cenário atual dos povos originários e suas lutas fizeram emergir a temática indígena. Essa, por sua vez, foi dialogicamente, escolhida por professores, alunos e integrantes do referido subprojeto, para o desenvolvimento do segundo semestre das atividades em interface com as práticas educativas, culturais e artísticas, constituindo-se um plano de atuação perpassado, por exemplo, pelos eixos: identidade, língua, territórios, costumes, culinária etc.

## **Metodologia**

O caminho teórico-metodológico se fundamenta na utilização da sistematização de experiências, metodologia participativa na perspectiva do pesquisador, sociólogo e educador peruano Oscar Jara Holiday que não é a sistematização de informações. Além disso, propõe a necessidade de uma abordagem teórica da área da educação, citamos Paulo Freire, e um diálogo com o pensamento dos povos originários e indígenas, destacadamente: Airton Krenak, Davi Kopenawa Yanomami, Márcia Wayna Kambeba. Fato que, apresentará leituras históricas para a problematização da nossa realidade.

Sendo que esse relato se ancorou no método crítico na medida em que através de um processo auto-reflexivo do conhecimento produzido buscou identificar como a temática indígena possibilitou a construção de propostas pedagógicas no campo da educação de surdos fundamentada nos processos de humanização das classes populares. O método crítico “é um caminho para se teorizar como e por que a ciência, de qualquer espécie, pode ser uma atividade libertadora para a humanidade” (BAUER, GASKELL & ALLUM, 2010, p. 34).

Para o segundo eixo foi proposto pelas estudantes da graduação trabalhar com 5 etnias de povos originários brasileiros, sendo um de cada região do país. No processo de escolha dessas etnias, após ponderações a respeito das atividades desenvolvidas no primeiro eixo temático, as estudantes de pedagogia optaram por decidir isso em conjunto com os alunos, para assim incentivar um processo de desenvolvimento da autonomia deles. Nesse sentido, foi proposto a divisão da turma do 4º Ano B, turno vespertino, em 5 grupos iguais com estudantes ouvintes e estudantes surdos, sem separação entre eles onde cada um, mediante pesquisas no site PIB Socioambiental (Povos Indígenas no Brasil), puderam escolher uma etnia para aprofundar suas pesquisas no decorrer do projeto. Os povos escolhidos foram: *Tupiniquim*, *Xetá*, *Pankararu*, *Cinta Larga* e *Nawa*. Esse processo de pesquisa aconteceu às quartas-feiras quando um grupo maior de residentes<sup>8</sup> do subprojeto Pedagogia/Filosofia ia à escola.

---

<sup>8</sup> Residente é a denominação das graduandas que participam do Projeto Residência Pedagógica.

Concomitantemente a isso, nas quintas-feiras, foram realizadas oficinas mais dirigidas onde eram exploradas temáticas sobre a luta atual dos povos originários no Brasil. Para isso, eram propostas atividades disparadoras a fim de levantar o debate. Nesse sentido, era o próprio diálogo em sala de aula que inspirava e direcionava a atividade da semana seguinte. As oficinas, com a orientação das residentes e o acompanhamento das professoras regentes, giraram em torno de manifestações artísticas como desenho, colagem, música e dança, inspiradas principalmente na arte e cultura indígena brasileira.

## Resultados

A partir de Paulo Freire, enunciemos qual a finalidade de pesquisar o que tem por detrás, no interior, no além das histórias visivelmente apontadas como clichês, até porque:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1968).

Inspirados na libertação política e pedagógica de Paulo Freire, lançamos mão – coletiva e individualmente, de leituras, das brincadeiras e da oficina de criação, e atividades complementares para o trabalho acerca dos povos indígenas: *Tupiniquim*, *Xetá*, *Pankararu*, *Cinta Larga e Nawa*, com suas diversidades, culturas e incontáveis lições de humanidade e natureza.

A partir do trabalho com esses povos indígenas, decorrem contribuições para inspirar práticas docentes que superem a hegemonia do paradigma ocidental ainda muito presente na academia (e fora dela), que gera, dentre outros, o racismo. Nos apercebemos de um conjunto de experiências de suma importância para a formação inicial de professores que almejam uma prática respeitosa, colaborativa e intercultural. O projeto deixa também muitas interrogações e diz ser imperativo que cada vez mais essa temática reivindique por meio da educação, mas não apenas, lugares das quais foram historicamente excluídas.

Esse movimento trouxe sentido e significado para as subjetividades e objetividades, tanto que foi notório o envolvimento e interesse das crianças em participar das atividades sugeridas por nós, residentes, cujo apoio das professoras foi decisivo. Durante o processo de realização do projeto evidenciou-se diversas reflexões e aprendizados no âmbito dos

envolvidos, com momentos de trocas e reverberações para identificar e avaliar sobre o que foi desenvolvido durante o semestre.

Apontamos a importância para a formação de professores a experiência na graduação de participar da Residência Pedagógica, também a percepção de fortalecer uma educação plural, dialógica e para a diversidade, fatores que deram inícios a movimentos dentro e fora da sala de aula, seja da universidade pública, seja da escola pública tendo em vista a sistematização de: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas no Brasil e na América Latina, por se constituírem terras em sua origem habitadas por indígenas.

Identificamos o de reconhecimento étnico-racial, o contato com a diferença, a urgência na preservação da natureza e a luta para a não extinção desses povos indígenas, destacando-se a influência da cultura indígena no nosso cotidiano.

### **Considerações**

O referido trabalho desenvolveu-se na escola pública EMEF Júlio de Mesquita Filho, no município de Campinas, SP, em uma sala de aula que inclui alunos surdos e ouvintes, cuja temática foi a indígena e pode ser trabalhado, coletivamente, incluindo o lúdico, as leituras, as discussões com os alunos, a feitura de cartazes, possibilitando conhecer as concepções progressistas acerca da profissão docente e das práticas humanizadoras e formativas que as cercam, reiterando sua relevância para o cenário da educação pública deste país.

Talvez o desafio que permanece seja o de transmitir a quem ainda não participou desta experiência da Residência Pedagógica e de pautar a temática indígena em seus projetos de formação inicial de professores sejam as suas imensas possibilidades: olhares novos que emergem, relações pessoais e institucionais que florescem, sentimentos de coletividade e de compromisso que se reforçam, horizontes de utopia que se vislumbram e alargam, inspiração para melhorar metodologicamente a ação pedagógica, mais interrogações e vontade de procurar diálogos, aprendizagens...

Destaca-se que os processos de ensinar e aprender desses novos conteúdos atingiram os envolvidos – estudantes, bolsistas, professores, preceptores e coordenadores, uma vez que a Libras permitiu, por um lado, o acesso dos alunos surdos a todas as atividades, e por outro, o exercício da Libras como fator de outras sociedades possíveis.

A produção desse trabalho envolveu um número expressivo de pessoas e professoras que debruçaram-se sobre um tema que é presente em todas as dimensões do ser e das atividades humanas e educativas: nossa ancestralidade.

A sistematização elaborada nesse relato permitiu uma compreensão mais aprofundada sobre uma experiência vivida e, ao mesmo tempo, tornou evidentes as potencialidades do programa Residência Pedagógica, semeando o desejo de darmos continuidade, a este subprojeto Pedagogia/Filosofia que ampliam as possibilidades de formação inicial docente, de transformação das práticas, e sobretudo pelos vínculos que se estabeleceram entre as pessoas e organizações envolvidas e que se dispuseram a ensinar e aprender com as descobertas advindas com a temática indígena e a construir novos modos de fazer...

**Palavras-chave:** Povos indígenas; Formação inicial de professores; Residência Pedagógica; Educação Pública; Educação de surdos.

### **AGRADECIMENTOS**

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Ao Programa Residência Pedagógica da UNICAMP

Aos integrantes do subprojeto Residência Pedagógica Pedagogia-Filosofia

As professoras Claudia Paes de Barros Jurgensen e Sueli Aparecida Garcia, da EMEF Júlio de Mesquita Filho

### **REFERÊNCIAS**

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento- Evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 17- 36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio out/2012, p. 62-73.